



CONSIDERAÇÕES SOBRE INCONSCIENTE E IDEOLOGIA A PARTIR DO TODO-SABER DAS CIÊNCIAS DA VIDA

Paula Chiaretti¹

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que desenvolvo e na qual busco compreender a produção de sentidos e sujeitos a partir de diferentes discursos do campo das Ciências da Vida. Partindo do divórcio entre homem e natureza e tomando a linguagem como objeto de investigação, é preciso considerar que não há uma resposta natural (logicamente necessária) sobre o modo como o homem significa a vida e seu corpo. A produção de subjetividade depende sempre de narrativas, marcadas pelas condições sócio-históricas de sua produção. Observa-se que, em diversos momentos, essas narrativas se sobrepõem, justapõem, disputam a hegemonia de sentido sobre o homem e seu corpo. Para compreender de que modo essas narrativas promovem modos de subjetivação, proponho-me, neste trabalho, a abordar a articulação entre os conceitos de *inconsciente* e *ideologia* (fundamentais no processo de interpelação ideológica) por meio da exploração do conceito de *materialidade*.

Considerando a condição do sujeito, de *submetido a*, e a desqualificação de certos modelos de identificação (tais como a religião e as grandes narrativas), busco compreender de que modo a ciência, da Saúde e, mais especificamente, neste trabalho, a Psicopatologia, se formula como um discurso que pode saber sobre o sujeito, determinando-o, ou seja, que pode produzir um sentido totalizante sobre o sujeito – prescrevendo subjetividades. Ao mesmo tempo, por meio de uma articulação teórica e analítica, busco encontrar os pontos de resistência e transformação dos sentidos, tomando o próprio corpo como testemunho². Em resumo o percurso que proponho aqui é: 1. o conceito de materialidade e de constituição do sujeito; 2. as descrições/prescrições do campo da Saúde; e, por fim, 3. o corpo como testemunho e lugar de resistência.

Em diversos momentos em sua obra, Lacan afirma que “o inconsciente é o discurso do Outro”. A grafia em maiúscula de Outro, como sabemos, aponta para o fato de que esse Outro se refere não ao outro semelhante, mas sim à linguagem, ao simbólico, mais precisamente, à articulação significativa que, em si, não conduz ao ou transmite o significado, mas que possibilita que as significações se produzam. Dito isso, há aqui uma primeira aproximação que gostaria de marcar entre inconsciente e ideologia: assim como o inconsciente, na perspectiva lacaniana, não se identificaria a um contêiner de conteúdos, um baú a partir do qual é possível resgatar algum conteúdo, uma lembrança, um sentido, por exemplo, a ideologia, desde Althusser (1980/1970), também não se identifica ao conceito de “conjunto de ideias”. Não se trata de uma forma de pensar que se distribui de maneira homogênea em uma época, mas sim de *práticas*.

¹ Doutora em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Universidade de São Paulo) e docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (Universidade do Vale do Sapucaí). Contato: chiaretti.paula@gmail.com

² Busco aqui articular a análise ao conceito de testemunho proposto por Mariani (2016).



Pêcheux (2009/1975, p. 124-125, grifos do autor), por sua vez, indica que inconsciente e ideologia “estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar *como processo do significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção”. Juntando-me ao esforço de Orlandi (2017), busco compreender esse “material”, que permite uma “ligação” entre esses dois conceitos, permitindo a constituição de uma *teoria materialista do discurso*.

Pêcheux e Lacan trabalham, em suas teorias, com o “sujeito”. No entanto, é importante ressaltar que não podemos afirmar que se trataria de um mesmo conceito. Ainda assim, buscando pontos de aproximação, é possível afirmar que ambos se caracterizam como divididos (ou descentrados) e que o processo por meio do qual essa divisão se dá é justamente o lugar a partir do qual podemos entender o conceito de *materialidade*. Se, para a teoria discursiva de Pêcheux, o sujeito aparece com dividido por conta do processo mesmo de sua interpelação (um processo inconsciente como Althusser o propõe), um processo que resulta ao mesmo tempo em um reconhecimento (do sujeito como sendo ele mesmo e como sendo origem do seu dizer) e um desconhecimento (do processo de interpelação que é dissimulado para o sujeito); para Lacan, o sujeito somente pode ser suposto a partir do ato enunciativo, prática (material) na qual uma parcela do discurso falta (parcela que poderíamos articular ao “inconsciente”) garantindo o sujeito – que, ao mesmo tempo, se presentifica e se perde, produzindo um sem sentido que urge a significar e um sujeito na “forma de enigma relativo a si” (BAIRRÃO, 2003, p. 43). Vale notar que, em ambos os casos, estamos diante de um momento a partir do qual a existência do sujeito faz supor (*après-coup*, em um só depois) uma existência anterior – a da unidade do “sempre-já-sujeito”, ainda que a ser decifrado.

Assim, o movimento próprio do discurso não somente suporta, mas faz da contradição entre reconhecimento e desconhecimento o seu motor, permitindo que o sentido sempre possa vir a ser outro, um sentido que supõe, sempre e ao mesmo tempo, reprodução e transformação.

Pêcheux (2009/1975) propõe que se retome a “figura” da interpelação proposta por Althusser (1980/1970): “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” a fim de compreender a constituição de sentido e sujeito. Uma das várias formas dessa “figura” (interpelação), que o autor propõe para compreender a articulação entre ideologia e sujeito, é resgatada de Pascal, no trecho:

Devemos à “dialética” defensiva de Pascal a maravilhosa fórmula que nos vai permitir inverter a ordem do esquema nocional da ideologia. Pascal diz aproximadamente o seguinte: “Ajoelhai-vos, mexei os lábios como se fosseis rezar, e sereis crentes”. Inverte, portanto, escandalosamente a ordem das coisas, trazendo, como Cristo, não a paz, mas a divisão, e, além disso, o que é muito pouco cristão (porque aí daquele que provoca escândalo!), o escândalo (ALTHUSSER, 1980/1970, p. 88).

O autor continua afirmando que:

[...] a existência das ideias da sua crença é material, porque as suas ideias são atos materiais inseridos em práticas, reguladas por rituais materiais que são também definidos pelo aparelho ideológico material de que revelam as ideias desse sujeito. Os quatro adjetivos “materiais” inscritos na nossa proposição devem ser afetados por modalidades diferentes [...] (ALTHUSSER, 1980/1970, p. 88-89, grifos do autor).



De que se trata essas materialidades cujas distinções o autor afirma nesse momento? De modo geral, as materialidades aqui estariam relacionadas a práticas que resultam no (reconhecimento de um) sujeito em sua precária (no sentido de não ser exata) unidade imaginária que dissimula (aqui, o desconhecimento) precisamente o processo por meio do qual o sujeito se submete a certas formas de existência, subjetivando-se.

Orlandi (2016) afirma, retomando a questão da materialidade, que “o que existe é matéria” (p.13), sendo esta a “substância suscetível de receber uma forma” (p. 12). Esta forma estaria associada à materialidade histórica cujo exame permitiria compreender “as leis fundamentais que definem as formas de organização dos homens em sociedade ao longo da história” (p. 12). Assim, ao conceito de materialidade estaria relacionado o de efeito ideológico que, por sua vez, “[...] não se relaciona à falta, mas ao excesso: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz efeito de evidência, que assenta no mesmo, no já-lá. Estanca o movimento” (ORLANDI, 2016, p. 14). Uma interpretação que se apresenta como A interpretação. No entanto, sabemos que esse efeito de saturação também expira. A interpretação é não-toda, produzindo-se ao mesmo tempo em que produz uma nova falta a ser preenchida. Haveria, assim, em ambos os processos, o ideológico e o inconsciente, um mesmo ponto de partida: o da falta provocada pela língua, pela palavra, pela própria estrutura que se constitui por uma falta; e, também, poderíamos dizer, a partir daí, uma orientação à saturação, ao sentido, ao gozo.

Retomando ao aforismo lacaniano “o inconsciente é o discurso do Outro” e tendo delimitado a ideologia como uma operação, podemos considerar que os conceitos de ideologia e de inconsciente se aproximam materialmente a partir daquilo que, na linguagem, busca organizar simbolicamente posições-sujeitos. Do ponto de vista social, sabemos que essa distribuição (de posições) não é homogênea, pois é marcada por relações de desigualdade e de subordinação, como propõe Pêcheux (2009/1975). Trata-se aqui do político: há político porque há linguagem. O que nos leva ao resgate de uma segunda afirmação de Lacan (2008/1967): “o inconsciente é a política”.

Se em Pascal, os gestos, os ritos, os comportamentos, as rezas, em suas materialidades específicas, resultam na constituição do que chama de “sujeito crente”, que gestos, ritos, enfim, práticas materiais poderiam estar na origem de um sujeito contemporâneo? Digo *um* sujeito contemporâneo pois seria impossível pensar em um modelo que não fosse afetado por uma multiplicidade de tempos e espaços (talvez somente um sujeito mítico permitisse essa “pureza”).

Ao mesmo tempo em que é possível localizar injunções aos processos de subjetivação, gostaria de contrapor a essa ideia por meio do resgate de um outro aforismo de Lacan: “o Outro não existe”. Essa afirmação está relacionada à impossibilidade de uma ordem simbólica fechada e imutável, o que não nos dispensa da necessidade de considerar a presença de um operador que mantenha os sujeitos juntos, um operador do laço social. Esse operador depende da incompletude desse Outro ao mesmo tempo em que tenta escamoteá-la. Por conta da incompletude, o Outro pode se constituir enquanto tal: uma ficção que permite ao sujeito elaborar respostas (sempre possíveis e contingentes), narrativas, a respeito da própria incompletude, correlativa à incompletude no Outro.



Passo então à apresentação do *corpus* da pesquisa. Em um primeiro momento, apresento o vídeo “O que é Saúde Mental”, produzido pela TV Gazeta e cujo recorte analítico transcrevo abaixo:

Eu tinha, como acho que a maioria das mulheres tem, um contexto familiar de todas as mulheres fazendo dieta o tempo inteiro, perseguindo um corpo magro. Aí, quando eu tinha 13 anos, eu tava em um momento de ansiedade, pré-adolescência, mudando de escola, a minha mãe recebeu uma revista que era sobre transtornos alimen... tinha uma capa sobre bulimia. Foi a gota d’água porque eu tive a ideia (Mirian Bottan).

Chama a atenção o encontro do sintoma, antes sem nome (ou com muitos nomes: “pré-adolescência”, “ansiedade”, “mudança de escola” etc.), sem uma forma própria, e o saber do campo da “saúde”, mais precisamente, do campo da Psicopatologia. É importante marcar aqui uma questão histórica desse campo que diz respeito ao seu gradual desligamento das causas das “doenças” (etiologia) e seu crescente esforço de descrição “neutra” e “objetiva” da manifestação do “transtorno mental”. Advertidos sobre a tensão e a sobreposição entre descrição e interpretação, podemos lançar uma nova visada sobre essa “neutralidade”: o que vem antes? O sintoma ou a descrição? O caráter prescritivo da descrição se torna uma questão na medida em que ao sujeito é oferecido um lugar(-tentente) no campo simbólico, no caso, o de “bulímica”.

Passo para um segundo recorte: trata-se dos critérios diagnósticos de bulimia do DSM-5, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais:

- Bulimia Nervosa**
307.51 (F50.2)
- Crítérios Diagnósticos**
- A. Episódios recorrentes de compulsão alimentar. Um episódio de compulsão alimentar é caracterizado pelos seguintes aspectos:
1. Ingestão, em um período de tempo determinado (p. ex., dentro de cada período de duas horas), de uma quantidade de alimento definitivamente maior do que a maioria dos indivíduos consumiria no mesmo período sob circunstâncias semelhantes.
 2. Sensação de falta de controle sobre a ingestão durante o episódio (p. ex., sentimento de não conseguir parar de comer ou controlar o que e o quanto se está ingerindo).
- B. Comportamentos compensatórios inapropriados recorrentes a fim de impedir o ganho de peso, como vômitos autoinduzidos; uso indevido de laxantes, diuréticos ou outros medicamentos; jejum; ou exercício em excesso.
- C. A compulsão alimentar e os comportamentos compensatórios inapropriados ocorrem, em média, no mínimo uma vez por semana durante três meses.
- D. A autoavaliação é indevidamente influenciada pela forma e pelo peso corporais.
- E. A perturbação não ocorre exclusivamente durante episódios de anorexia nervosa.
- Especificar se:
- Em remissão parcial: Depois de todos os critérios para bulimia nervosa terem sido previamente preenchidos, alguns, mas não todos os critérios, foram preenchidos por um período de tempo sustentado.
- Em remissão completa: Depois de todos os critérios para bulimia nervosa terem sido previamente preenchidos, nenhum dos critérios foi preenchido por um período de tempo sustentado.
- Especificar a gravidade atual:
- O nível mínimo de gravidade baseia-se na frequência dos comportamentos compensatórios inapropriados (ver a seguir). O nível de gravidade pode ser elevado de maneira a refletir outros sintomas e o grau de incapacidade funcional.
- Leve: Média de 1 a 3 episódios de comportamentos compensatórios inapropriados por semana. Moderada: Média de 4 a 7 episódios de comportamentos compensatórios inapropriados por semana.
- Grave: Média de 8 a 13 episódios de comportamentos compensatórios inapropriados por semana.
- Extrema: Média de 14 ou mais comportamentos compensatórios inapropriados por semana.

No plano da formulação, estamos diante de uma materialidade linguística específica que “descreve” os sintomas/sinais que permitem uma nomeação, uma filiação de um sujeito a um campo de sentidos. A partir de quais gestos, “rituais”, comportamentos específicos, torna-se possível a produção de um sujeito nesse caso? Parafraseando Pascal, “vomitaís x vezes por semana durante x meses, e sereis bulímica”? O que me leva à pergunta: qual o papel da descrição própria ao campo das Ciências da Vida na promoção de um movimento de produção de subjetividade? “Foi daí que eu tirei a ideia”. Vale aqui lembrar a existência de *blogs* que “ensinam” a “ser bulímica”: como vomitar, como dissimular o barulho do vômito etc. Para compreender, portanto, essa subjetividade é preciso



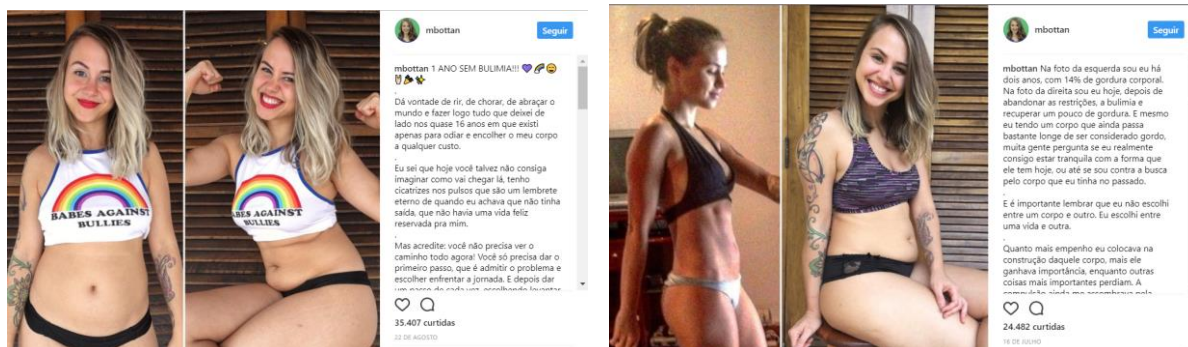
compreender de que se trata essa ciência que se coloca como todo-saber sobre o sujeito, permitindo com frequência uma identificação do sujeito à nomenclatura do quadro em detrimento do nome próprio. De que modo esse saber se produz? E quais as consequências desse saber na produção de subjetividade?

De acordo com Miller (2010, p. 245, tradução nossa), "a ciência, inclusive a mal conceituada, não é contemplação, mas uma prática que intervém no real e nem sempre com o aparato conceitual do qual se cerca". Ciência como prática material, critérios diagnósticos como materialidade específica a partir da qual um sujeito pode advir. Isso permite que ela se formule produzindo um sentido evidente e transparente, decalcando essa evidência e essa transparência para o próprio homem que passaria a ser "perfeitamente apreendido" por esse aparato. O conhecimento, no discurso da ciência, não cessa de se escrever – o que justifica o seu interesse por constantes, estatísticas e incidências.

Hoje, uma a cada vinte pesquisas do Google está relacionada a saúde. Diria, no entanto, que mais precisamente, essas pesquisas estão relacionadas a doenças e sintomas. Não havendo mais a quem recorrer e tendo em vista que "tudo está na internet" e, mais precisamente, no Google, é lá que o sujeito pode formular suas questões que visam decifrar o enigma sobre si. Um sujeito que nem sempre parece receber do Outro a mensagem "Que queres?", como, em Cazzotte, o diabo pergunta ao homem que o invoca em busca respostas, mas um: "Você quis dizer" ou "Em vez disso, pesquisar por".

No entanto, a partir de Pêcheux (2009/1975) sabemos que "não há ritual sem falhas" (p. 277), ou ainda, que "não há dominação sem resistência" e que, por isso, "é preciso 'ousar se revoltar'" (p. 281). Tomo, então, o testemunho proposto por Mariani (2016) e que se relaciona "um dizer esgarçado e já acontecido, é dizer de encontro com a falta de garantias, de insígnias, de sentidos" (p. 57), testemunho que supõe uma implicação de outra ordem que não a necessária. Dar testemunho, para Mariani (2016), é transmitir uma experiência "por via oral e escrita" (p. 55). E eu gostaria de acrescentar o corpo, em sua materialidade específica, como testemunho, conforme podemos observar nas figuras abaixo:

Figuras 1 e 2: Postagens do perfil social @mbottan na rede Instagram



Observa-se, portanto, de que modo a ciência em sua discursividade normativa (prática material de produção de subjetividades) busca constituir um sujeito universal (necessário) – *todo*



aquele que se subjetiva a partir desse conjunto de critérios descritivos/normatividades, mas que isso falha, faz falar de outra maneira.

A Psicanálise e a Análise de Discurso, ao contrário de uma ciência e de uma política com projetos de totalização do saber, teriam a função de suspender as certezas e separar o sujeito de suas identificações. Dessa forma, elas estariam a serviço da política na medida mesmo em que a desidealizam.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980. Tradução de: *Idéologie et appareils idéologiques d'État*, 1970.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5*. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

BAIRRÃO, J. F. M. H. Corpo e inconsciente. *Olhar* (UFSCar), São Carlos, v. 8, p. 41-49, 2003.

LACAN, J. *A lógica do fantasma*: Seminário 1966-1967. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

MARIANI, B. S. Testemunho: um acontecimento na estrutura. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 12, n. 1. p. 48-63. jan./jun. 2016. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5890>. Acesso em 15 de Maio 2017.

MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2010. Tradução de: *L'Autre qui n'existe pas et ses comités d'éthique*, 1996-1997.

ORLANDI, E. Nota introdutória à tradução brasileira. In: CONEIN, B et al. *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp. 2016.

_____. *Eu, Tu, Ele*: Discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1978). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009. Tradução de: *Les vérités de la Palice: linguistique, sémantique, philosophie*, 1975.